

# CURADORIA AUTORAL-COLETIVA DE UMA EXPOSIÇÃO EDUCATIVA SOBRE RACISMO CIENTÍFICO: RELATANDO EXPERIÊNCIAS ITINERANTES

## ***AUTHORIAL-COLLECTIVE CURATORSHIP OF AN EDUCATIONAL EXHIBITION ON SCIENTIFIC RACISM: REPORTING ITINERANT EXPERIENCES***

**Thiago Leandro da Silva Dias** [thiagosankofa@gmail.com]  
*Universidade Federal da Bahia / Universidade Estadual de Feira de Santana  
Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências*

### **RESUMO**

A exposição *Ciência, Raça e Literatura* envolve um projeto colaborativo que tem sido apresentado ao público geral e para professores(as) e estudantes da educação básica e superior desde o ano de 2013. Esse relato pretende sistematizar o processo de elaboração da exposição em questão, explicitando as intenções, fundamentos e dinâmicas de planejamento e montagem, como forma de caracterizar os princípios que orientam o processo de curadoria, por meio da análise documental da memória do trabalho de concepção e organização da exposição em arquivos derivados de reuniões de planejamento e do acervo expositivo, entremeados pela minha vivência como coautor do processo e do diálogo com outros(as) curadores(as). A relevância da experiência expositiva pode ser verificada em função de alguns dos seus princípios de curadoria e montagem (itinerante, contextual e com processo de curadoria autoral-coletiva), o que possibilita maior interlocução de atores e instituições na implementação de seus objetivos e princípios.

**PALAVRAS-CHAVE:** concepção expográfica; formação de professores-pesquisadores; educação das relações étnico-raciais.

### **ABSTRACT**

*The Science, Race and Literature exhibition involves a collaborative project that has been presented to the general public and to teachers and students of basic and higher education since 2013. This report intends to systematize the process of preparing the exhibition in question, explaining the intentions, fundamentals and dynamics of planning and assembly, as a way to characterize the principles that guide the curatorial process, through documentary analysis of the memory of the work of conception and organization of the exhibition in files derived from planning meetings and the exhibition collection, interspersed for my experience as co-author of the process and of the dialogue with other curators. The relevance of the exhibition experience can be verified in terms of some of its curatorial and assembly principles (itinerant, contextual and with an author-collective curatorial process), which allows greater dialogue between actors and institutions in the implementation of its objectives and principles.*

**KEYWORDS:** *expographic conception; teacher-researchers' training; education of ethnic-racial relations.*

## INTRODUÇÃO

A exposição *Ciência, Raça e Literatura* tem sido apresentada ao público geral, incluindo professores(as) e estudantes da educação básica e ensino superior, desde o ano de 2013 (SÁNCHEZ ARTEAGA et al., 2013; DIAS et al., 2014) e em processo de itinerância encontra-se em sua décima terceira edição. Nela são apresentados aos visitantes recortes do processo histórico de construção do conceito de raça pelas Ciências Naturais, desde os empenhos de naturalistas do século XVII em classificar a diversidade de seres humanos, passando pelas pesquisas em craniometria, o darwinismo social do século XIX e os discursos contemporâneos que negam o status científico do conceito de raça com base nas pesquisas genômicas.

Procura-se construir o argumento de que as distinções propostas pela categoria científica de raça estiveram compromissadas com processos de alterização (SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2006; GROVE e ZWI, 2006; WEIS, 1995), por meio dos quais determinados grupos étnicos, sociais, culturais e/ou políticos promoveram segregação e marginalização de outros grupos humanos. Problematisa-se desse modo as relações ciência, tecnologia e sociedade. Como um dos temas que derivam desse argumento, apresenta-se uma amostra de como a questão racial no Brasil tem sido tratada em narrativas literárias.

A seguir, apresentarei um relato de experiência com o objetivo de descrever e analisar o processo de elaboração da exposição *Ciência, Raça e Literatura*, explicitando as intenções, fundamentos e dinâmicas da concepção e montagem como forma de caracterizar os princípios que orientaram a prática de curadoria. Para tanto, como procedimento metodológico, realizei análise documental da memória do trabalho de concepção e organização da exposição em arquivos derivados de reuniões de planejamento<sup>1</sup> e do próprio acervo expositivo, mediada pela vivência como coautor do processo inicial e pelo diálogo (gravado e transcrito) com outros(as) três curadores(as). Essa investigação compõe uma das etapas de trabalho dissertativo que buscou analisar a contribuição do acervo expositivo para educação das relações étnico-raciais (DIAS, 2017).

## A PROPOSTA EXPOGRÁFICA: PRIMEIROS PASSOS

Estou entendendo a expografia enquanto ação de materialização da exposição em diferentes espaços expositivos, sendo compreendida como uma das etapas do processo de musealização, mesmo que noutros contextos não museais. Na sua plenitude, musealização é o conjunto de procedimentos que viabiliza a comunicação de objetos interpretados (resultado de pesquisa), para olhares interpretantes (público), no âmbito das instituições (BRUNO, 1996). Inicia-se a partir da seleção do objeto e completa-se ao apresentá-lo publicamente por meio de exposições, de atividades educativas, comunicacionais e de outras formas (CURY, 2005; 2015), compreendendo assim a concepção, desenvolvimento, montagem e avaliação de exposições. Nessa etapa da pesquisa, analisarei a materialização da exposição (expografia) em si, e as etapas envolvidas no processo de sua concepção, curadoria e montagem.

Reconstruindo o processo que levou à montagem da exposição *Ciência, Raça e Literatura* - a partir do exame dos dados oriundos da análise documental, da vivência como curador e do diálogo com outros(as) curadores(as) - avalio seu percurso como uma caminhada colaborativa percorrida por distintos atores e instituições, cujo os primeiros passos foram dados por um grupo de professores(as)-pesquisadores(as) de duas universidades públicas da Bahia, envolvidos(as) em pesquisas de articulação entre espaços de educação não-formal e formal e em investigações sobre o racismo científico como plataforma para promoção de visão crítica das relações Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS).

<sup>1</sup> Atas virtuais, apresentações de *power-point*, *e-mails* de planejamento, documentos produzidos para monitoria e roteiros educativos.

Analisando este percurso inicial de produção expográfica, foi possível identificar os seguintes eventos, proposições teórico-metodológicas, vivências e experiências práticas que subsidiaram o amadurecimento da construção coletiva do tema central, dos protótipos iniciais e da proposta expositiva em si:

(01) Proposição de princípios de *design* para construção de intervenções educativas baseadas na história do racismo científico como plataforma para abordagem das relações Ciência-Tecnologia-Sociedade, contidas em artigo publicado por Juanma Sánchez-Arteaga e Charbel El-Hani (2012). Nesse texto os autores apresentam o racismo científico do século XIX como um caso exemplar de alterização científica e argumentam que o seu estudo histórico pode funcionar como uma importante ferramenta para promover a compreensão de como alguns compromissos ideológicos influenciam decisivamente tanto a produção quanto a difusão do conhecimento tecnocientífico, assim como as suas aplicações práticas;

(02) Discussão sobre esse tema e a viabilidade de inseri-lo no ensino médio de Biologia, oriunda do Grupo de Trabalho (GT) *Práticas de Alterização da Ciência e abordagem curricular CTSA: o caso do racismo científico*. Essa atividade foi desenvolvida no *Seminário em desenvolvimento colaborativo de inovações educacionais no ensino de Ciências e Biologia*, realizado nos dias 13 e 14 de fevereiro de 2012, no Instituto de Educação Gastão Guimarães, em Feira de Santana (Ba), com participação de professoras(es) da educação básica dos municípios de Feira de Santana e Salvador, estudantes da Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e do Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (PPGEFHC), pesquisadores do Laboratório de Ensino, História e Filosofia da Biologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e do Grupo Colaborativo de Pesquisa em Ensino de Ciências da UEFS. As discussões realizadas presencialmente no seminário foram antecedidas e tiveram permanência no fórum de discussão sobre o tema em uma comunidade virtual de prática, a *ComPrática* (SEPULVEDA et al., 2012);

(03) Investigações sobre sequências didáticas baseadas na história do racismo científico e relações CTS, aplicadas nas aulas de Biologia em uma das escolas participantes do seminário e em disciplinas dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas e do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (SÁNCHEZ-ARTEAGA et al., 2013; FADIGAS, 2015);

(04) Visita feita por uma das professoras idealizadoras do projeto à exposição *Jorge Amado e Universal* sobre a vida e obra de Jorge Amado, no Museu de Arte Moderna (MAM) da Bahia, a qual permitiu o contato com narrativas e conteúdos de uma obra literária - Tenda dos Milagres - que dialogavam diretamente com o tema do racismo científico na Faculdade de Medicina da Bahia, culminando na ideia inicial de entrelaçar ciência, racismo e literatura em intervenções educativas.

Podemos perceber então que a concepção da exposição surge de um determinado contexto e orientação educacional, a partir de experiências didáticas antecedentes envolvendo diferentes instituições e segundo uma agenda de pesquisa. Conforme complementa Sepulveda et al. (2012), a materialização da exposição caracteriza-se como uma atividade de pesquisa e extensão, contribuindo efetivamente para a formação inicial e continuada de professores(as), além de expandir a integração entre universidade, escola e sociedade. Estes episódios conjunturais foram necessários para o amadurecimento teórico-conceitual e metodológico que culminou na organização da Exposição Museal<sup>2</sup> *Ciência, Raça e Literatura*.

A concepção e organização da primeira edição se deram no âmbito das atividades discentes de um componente curricular do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS durante o semestre 2012.2, culminando com sua montagem no Museu de Arte Contemporânea (MAC) Raimundo de Oliveira, em Feira de Santana, e sua apresentação ao público entre os dias 09 e 23 de janeiro de 2013. Essa primeira edição contou ainda com a

<sup>2</sup> As duas primeiras edições foram planejadas para se expressarem em espaços museais.

realização de mesas de debates sobre temáticas tangentes, tais como *Darwinismo e Raça na Faculdade de Medicina da Bahia, Ciência e Raça na Literatura e Genética, Raça e Políticas Afirmativas*, além de mostra de filmes e documentários. Foram oferecidas ao público visitas guiadas por monitores(as) estudantes da licenciatura em Biologia da UEFS que além de organizarem a exposição, planejaram e efetuaram essa ação educativa.

## ITINERÂNCIA E MÚLTIPLOS CENÁRIOS EXPOSITIVOS

Desde a primeira edição, as(os) pesquisadoras(es) envolvidas(os) na construção colaborativa da exposição tinham como projeto torná-la itinerante, levando-a para o interior de escolas da rede pública de ensino que tivessem interesse em discutir o tema em suas comunidades. A partir dessa edição-piloto, a expografia tomou forma e extrapolou os muros para se materializar em outros espaços e instituições.

A segunda edição também surgiu do contexto de formação docente, envolvendo estudantes matriculados nas disciplinas de Estágio Supervisionado. Foi planejada para ser expressa no Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (MZFS-UEFS) no período de 23 de setembro a 04 de outubro de 2013, como uma das atividades da 7ª *Primavera dos Museus: Museus, Memória e Cultura Afro-brasileira*, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

Em novembro de 2013, a exposição começou o seu ciclo de itinerância nas escolas públicas de educação básica do município de Feira de Santana, ao ser adaptada e montada em colaboração com uma comunidade escolar, compondo uma das atividades do *Projeto Identidade Brasileira na Semana Nacional de Consciência Negra* do Colégio Estadual José Ferreira Pinto. Essa terceira edição teve a colaboração de professoras dos componentes escolares de Biologia e História, além da contribuição de discentes do curso de licenciatura da UEFS.

Utilizando a definição do IBRAM, exposições itinerantes, ou extramuros, são

aquelas que saem dos museus e alcançam o público em outras instâncias, e têm por objetivo divulgar o trabalho da instituição, estimular a curiosidade dos públicos e promover discussões sobre temáticas específicas. Também possuem o caráter temporário e são produzidas com a possibilidade de adaptarem-se aos diferentes espaços com facilidades de transporte, montagem e desmontagem (IBRAM, 2014, p.26).

Tal conceituação nos permite compreender e reiterar a natureza da exposição *ciência, raça e literatura* como uma exposição temática itinerante, já que vem se expressando em diversas instâncias para além dos museus com a proposta de promover discussão e aprendizados sobre temáticas específicas. Um membro da curadoria ressaltou em diálogo que a partir da segunda edição foi possível receber financiamento através da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), o que possibilitou criar um acervo mais consistente, criativo e com mais facilidade de transporte e montagem para se adaptar aos diferentes espaços e cenários expositivos.

Em sua quarta edição a exposição foi apresentada no Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia (IB/UFBA) em março de 2014, dessa vez trazendo como título *Ciência, Raça, Literatura e Sociedade*. Também envolveu uma construção coletiva cujo processo é descrito da seguinte forma no *banner* de apresentação dessa edição (ACERVO, 2014):

[...] um processo de construção coletiva de estudantes de Ciências Biológicas da UEFS e da UFBA, e do Programa de Pós-graduação em Ensino, História e Filosofia da Ciências (UEFS/UFBA), e de professores e pesquisadores do Grupo

Colaborativo de Pesquisa em Ensino de Ciências (GCPEC/UEFS) e do Laboratório de Ensino, Filosofia e História da Biologia (LEFHBio/UFBA).

No mês de julho, no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, em Feira de Santana, aconteceu a quinta edição, que se originou a partir de uma junção de alguns elementos expositivos das edições anteriores e da criação de novos elementos. A sexta e sétima edições ocorreram respectivamente em outubro de 2014 e março de 2015, ambas na reitoria da UEFS. A sexta edição compôs a programação do *III Seminário Internacional da Saúde da População Negra*. Segundo informações dessa edição (ACERVO, 2014), foi acrescido o termo saúde ao título da exposição devida a

[...] abordagem de temas relativos à relação historicamente estabelecida entre raça e doença, desde a polêmica entre Nina Rodrigues e Juliano Moreira a respeito da relação entre miscigenação e doenças mentais, o uso da anemia falciforme como critério de demarcação racial, e a recente comercialização de drogas de especificidade racial nos Estados Unidos.

Entre os dias 16 e 20 de novembro, a exposição em sua oitava edição foi montada na reitoria da UFBA em ocasião da *Semana de Consciência Negra* desta universidade. Foi organizada como *atividade curricular em comunidade e sociedade* (ACCS), uma modalidade curricular interdisciplinar da UFBA que combina o ensino e a extensão universitária como via de integração entre a academia, sua produção e a comunidade. Contou com a colaboração de uma turma de educandos de diferentes áreas disciplinares (arquitetura, artes, psicologia, biologia, história da ciência, comunicação) e consistiu na organização de uma série de atividades artísticas e educativas, compreendendo uma exposição associada a performances focadas na relação entre a histórica das ciências, o racismo e outras formas de alterização (TORRES e SANCHEZ-ARTEAGA, 2016). O evento contou com uma vasta programação sobre o tema, incluindo exposição, intervenções performáticas, conferências, exibição de documentários, além da apresentação de uma peça teatral (figura 1).



**Figura 1:** Reportagem sobre a Semana de Consciência Negra da UFBA de 2015 em jornal de circulação estadual.

Fonte: Jornal A tarde.

A nona edição ocorreu durante a realização do Congresso da UFBA, em julho de 2016, celebrando os 70 anos da instituição. Foi elaborada em um espaço aberto da universidade, por integrantes do Grupo Colaborativo de Pesquisa em Ensino de Ciências (GCPEC) e foi a única edição em que o processo de montagem, expressão e desmontagem da expografia ocorreu em apenas um dia, por conta das exigências do congresso.

Meu relato e análise vão focar nessas nove primeiras edições, das quais tive uma maior proximidade e envolvimento na montagem, curadoria e pesquisa. As edições ocorreram em dois Museus, dois Colégios Públicos e duas Universidades (que acolheram a maior parte das edições). No primeiro ano foram realizadas três edições, em 2014 outras três e entre os anos de 2015 e 2016 mais três edições; dentre essas, seis ocorreram no município de Feira de Santana e três em Salvador. O quadro 1 sistematiza as nove primeiras edições, os espaços expositivos e o mês/ano da realização de cada uma.

**Quadro 1:** Edições, espaços expositivos e data de realização das exposições.

EDIÇÃO	ESPAÇO EXPOSITIVO	MÊS/ANO
I	Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana	Janeiro/2013
II	Museu de Zoologia da UEFS, Feira de Santana	Setembro/2013
III	Colégio Estadual José Ferreira Pinto, Feira de Santana	Novembro/2013
IV	Instituto de Biologia da UFBA, Salvador	Março/2014
V	Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, Feira de Santana	Julho/2014
VI	Hall da reitoria da UEFS, Feira de Santana	Novembro/2014
VII	Hall da reitoria da UEFS, Feira de Santana	Março/2015
VIII	Biblioteca da UFBA, Salvador	Novembro/2015
IX	Espaço aberto da UFBA, Salvador	Julho/2016

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como verificado, a expografia com seu caráter itinerante potencializa o acesso ampliado à divulgação e educação científica, ao percorrer tanto espaços de educação formal como não-formal. O caráter colaborativo de sua construção é outra singularidade do processo de planejamento e montagem que favorece, amplifica e qualifica sua divulgação. Assim, o processo de curadoria será descrito a seguir, avaliando as contingências intrínsecas dos espaços pelos quais a expografia se materializou.

## ESTRATÉGIA DE PLANEJAMENTO, MONTAGEM E PRÁTICA CURATORIAL

Inicialmente, como uma atividade referente à prática do componente curricular Estágio Supervisionado em Ensino de Biologia II, durante o semestre 2012.2, a exposição foi criando forma e conteúdo ao longo das aulas e foi se concretizando uma estratégia de planejamento e curadoria que permaneceu como princípio organizador das edições subsequentes.

Durante o semestre, as aulas foram dedicadas à formação conceitual, a partir da leitura e discussão de textos-base e da realização de espaços de discussão, como estratégia de construção conceitual da exposição e ao mesmo tempo produção de recurso expográfico. Nessa primeira etapa de formação houve a definição coletiva dos objetivos educacionais e intenções comunicacionais da exposição e a definição dos eixos temáticos a partir dos quais e sobre os quais se produziria o acervo.

Posteriormente organizaram-se grupos segundo eixos temáticos para construção dos elementos expositivos e planejamento da ação educativa durante a exposição, buscando orientar a visita de estudantes do ensino médio e público em geral a partir da elaboração de roteiros. Um relato de um dos estudantes envolvidos nesse processo inicial descreve o processo formativo que subsidiou a criação dos elementos expositivos:

[...] A gente conversou bastante com o professor Juanma (Juan Manoel Sánchez-Arteaga) que vinha às nossas aulas para fazer uma formação inicial sobre as questões de raça e ciência. Eu lembro que algumas pessoas particularmente conversaram também com o professor José Geraldo Marques. Enfim, tivemos algumas conversas ou individualmente ou coletivamente dentro da sala, para uma formação inicial nas discussões de raça e ciência, sobretudo raça e ciência porque, ao longo do processo, tivemos outras entradas que trouxeram as referências da literatura, trouxeram outras referências mais específicas sobre genoma [...] (Curador da 1ª Edição).

Os espaços formativos envolvendo palestras, grupos de discussões e *workshops* versaram sobre as seguintes temáticas e com os(as) respectivos(as) facilitadores(as) convidados(as): *Racismo Científico no Brasil*, com o professor Juan Manuel Sánchez-Arteaga (UFBA); *Desenvolvimento histórico do conceito de raça*, com a professora Wlamyra Albuquerque (UFBA); *Darwinismo e modernização da sociedade brasileira nas Conferências da Glória'* e *Darwinismo social nas obras de Aluizio de Azevedo*, com a professora Karolina Carula (Universidade Federal Fluminense); *Recontextualização do conhecimento científico em elementos de exposição museal e Ação educativa em museus*, com a museóloga Luciana Martins (Instituto Butantan).

O planejamento e a realização da primeira edição envolveram atividades inseridas no projeto de pesquisa *Conexões entre culturas e divulgação da ciência em museu e escolas*, e nos projetos de Extensão *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)* de Ensino de Biologia e *Laboratório Multidisciplinar das Licenciaturas*. Essa construção resultou na primeira edição da exposição, como visto, realizada no Museu de Arte Contemporânea (MAC) Raimundo de Oliveira, em Feira de Santana. Na continuidade de planejamento expográfico, ao longo de suas edições, a intervenção também manteve relação com atividades do projeto de pesquisa *Investigação de Intervenções Educacionais em Ensino de Evolução e Genética com abordagem CTS e enfoque nos Processos de Alterização na Ciências Biomédicas a partir da História do Racismo Científico*, e orientou a criação de outros projetos colaborativos.

A ação educativa de monitoria durante a primeira edição, a partir das visitas guiadas para estudantes e público em geral, foi feita por estudantes matriculados no Estágio Supervisionado de Ensino de Ciências II em colaboração com os estudantes do PIBID de Ensino de Biologia, e orientada a partir de roteiros criados pelos(as) estudantes e professores(as) envolvidos(as) na etapa de concepção.

Ao longo das edições, os roteiros e planejamentos da ação educativa foram sendo editados e adaptados conforme realidade de cada cenário expositivo. Então, a própria ação de monitoria foi transformada em cada edição, envolvendo sujeitos do mesmo contexto de formação e pesquisa educacional mas com mudanças de objetivos educacionais e comunicacionais. A cada edição foram feitas mudanças no acervo a partir de acréscimo, retirada e/ou refinamento de elementos expositivos, da organização dos mesmos conforme as demandas circunstanciais de cada público e espaço que recebeu a exposição e dos participantes da curadoria e montagem.

A criação de novos artefatos expositivos foi alimentada pela introdução de novas temáticas – que emergiram de avaliações, processos formativos de estudantes de licenciatura e pós-graduação em ensino de ciências, interação com comunidades escolares assim como de resultados de estudos sobre a história do racismo científico nos séculos XIX e XX, recontextualizados didaticamente por membros dos grupos de pesquisa envolvidos no projeto expográfico. Importa destacar que a exposição tem sido alimentada por esses estudos, assim como tem colocado demandas para novos estudos, como as novas pesquisas realizadas por membros do grupo com objetivo de análise do racismo científico e da alterização no contexto contemporâneo, como meio de incorporar novos elementos ao acervo da exposição. Nesse sentido, há uma retroalimentação dos estudos ao longo do planejamento da itinerância.

Diante dessa caracterização, destaco alguns aspectos específicos do planejamento, montagem e curadoria da exposição *Ciência, Raça e Literatura*: que em sua totalidade é colaborativa, com múltiplos autores/as e envolve pesquisa educacional em história e filosofia da ciência e formação docente em espaços não-formais de educação científica. Essa perspectiva que integra o processo de curadoria relaciona-se diretamente com os princípios de uma pesquisa colaborativa, apontada como caminho promissor para superar a lacuna entre a pesquisa acadêmica educacional e a prática pedagógica em sala de aula (SEPULVEDA e ALMEIDA, 2016) e para além dela.

A curadoria, segundo Cury (2005), refere-se ao conjunto de atividades ou circuito das coleções nos museus, que significa considerar a organização de exposições e as ações educativas como atividades curatoriais. Considerando as especificidades dessa experiência de montagem e remontagem da exposição, é importante reiterar o caráter e dinâmica do processo curatorial coletivo e colaborativo, que agrega diversos profissionais, pesquisadores(as), professores(as) e estudantes nas etapas de concepção expositiva - conceptualização e cenarização. Essa dinâmica indica a presença de curadores-autores na exposição. Segundo Rupp (2011) o curador como autor é um método de trabalho singular das exposições contemporâneas, já que no processo de definição da mostra há muitas variáveis sob seu controle, desde a concepção dos temas propostos até a definição da museografia e dos espaços expositivos. O caráter coletivo em questão reforça então essa singularidade, configurando assim um processo de curadoria autoral-coletiva. Outra característica dessa curadoria é sua natureza contextual, referida, conforme Rupp (2011), como aquela em que a inserção da ação curatorial é feita através das características do lugar, criada para e no local.

Ressaltando os escritos de Cury (2005), a discussão sobre estratégias de planejamento está intimamente relacionada à tomada de decisão e às posturas políticas e valores de quem organiza. Considerando uma retomada histórica realizada a partir de Volkert (1996 apud CURY, 2005), a autora apresenta três enfoques de tomada de decisão em exposições, o processo de tomada de decisão autocrático, o processo de tomada de decisão em equipe e o processo de tomada de decisão cooperativa. Em linhas gerais, na tendência autocrática, as decisões fundamentais são tomadas por poucos, a partir de um ponto de vista hierárquico; a tendência em equipe envolve a reunião de diversos profissionais do museu em torno das decisões referentes à exposição, com uma perspectiva educacional preocupada em estabelecer contato com o público levando em consideração suas características, expectativas e necessidades, embora a participação deste seja indireta no processo; já a tendência cooperativa propõe a ampliação da participação do público de modo que este interfira diretamente no planejamento. Neste enfoque, são desenvolvidos métodos que ampliem a entrada de seu público, dividindo o poder e as decisões pertinentes ao processo.

Considerando a importância de tal categorização e seu conteúdo para os estudos de concepção de exposições, acredito que a expografia em questão possui alguns princípios que permeiam o processo de tomada de decisão, ora em equipe, ora cooperativa. Como já destacado, desde os primeiros passos no sentido de materializar a exposição, o caráter colaborativo sempre esteve presente como orientação através da permanência de espaços ampliados de decisão, formação e construção coletiva do acervo. Vale destacar que em alguns casos, professoras da educação básica foram visitantes e se inseriram posteriormente na curadoria de novas edições, que na maioria das vezes ocorreram nas suas unidades de ensino.

São princípios baseados no próprio fundamento do trabalho em grupo que realiza curadoria, que mantém proximidade e funciona como uma *comunidade de prática*, adaptada ao desenvolvimento de atividades de ensino de história e filosofia da ciência, a partir de uma abordagem interdisciplinar para o tratamento de questões étnico-raciais (TORRES e SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2016). Isso posto, vale ressaltar a afirmação de Cury (2005) sobre o entendimento de que o método de planejamento é escolhido de acordo com certos valores da instituição e/ou do grupo que operacionaliza o sistema de comunicação da exposição.

Uma análise do processo de concepção da expografia sugere uma aproximação com o modelo de projeto de exposição proposto por Dean (1994), o qual infere que as exposições são elaboradas a partir de fases progressivas e sequenciais, envolvendo as fases conceitual, de desenvolvimento, funcional e de avaliação. Com relação a fase de avaliação, os(as) curadores(as) pontuaram algumas especificidades. Primeiramente, foi consensual a afirmação de que não houve uma avaliação sistemática do processo. Um dos curadores destaca que a avaliação foi ocorrendo durante o próprio processo de organização, embora sem planejamento prévio e sistematização formal. Já um dos professores coordenadores considera que algumas temáticas foram se transformando em projetos de pesquisa, o que caracteriza também uma forma de avaliação, e um formato de estudos que retroalimentam pesquisas e abordagens educativas.

## **INTENÇÕES COMUNICACIONAIS-EDUCACIONAIS E ENTRELAÇAMENTO DE DISCURSOS**

A partir da vivência como curador, do diálogo com outros(as) curadores(as) e da análise documental do processo de curadoria autoral-coletiva e contextual, identifiquei na etapa inicial de concepção os principais objetivos e finalidades da experiência expositiva, a qual em linhas gerais buscava/busca: (1) promover a compreensão do processo histórico da construção do conceito de raça, entendendo-o como resultado de uma relação entre ciências naturais e processos sociais de alterização, (2) promover uma visão crítica e equilibrada da ciência e de sua relação com a sociedade, e (3) promover a reflexão sobre os riscos potenciais que discursos teóricos e práticas das tecnociências contemporâneas podem apresentar para promover alterização e marginalização de determinados grupos sociais e culturais.

Esses objetivos iniciais da experiência educativa dialogam sobremaneira com a abordagem educacional Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS), já que a própria experiência foi baseada em princípios teórico-metodológicos propostos por pesquisadores da área, como descrito anteriormente. Intervenções dessa natureza estão alicerçadas na necessidade da promoção de ações educativas que proporcionem instrumentos para compreender os valores, interesses e componentes ideológicos, políticos, econômicos, socioculturais, ambientais e éticos envolvidos nas relações ciência-tecnologia-sociedade (SANTOS; MORTIMER, 2001).

Essa característica nos revela um dos aspectos relacionados aos modelos de educação escolar em ciências predominantes na concepção da exposição, cuja análise nos permite identificar outras características relevantes. Em trabalho que buscou identificar as marcas do ensino escolar de Ciências presentes em dois espaços de educação não formal na área de Ciências Naturais, Fahl (2003) identificou cinco modelos de educação escolar em ciências presentes na literatura da área (modelo tradicional, modelo da redescoberta, modelo tecnicista, modelo construtivista e modelo ciência-tecnologia-sociedade), os quais revelam as várias tendências pedagógicas originadas de diferentes épocas e contextos históricos, políticos, econômicos, sociais e culturais.

Considerando os objetivos educacionais da expografia em questão e com base nos modelos de Fahl (2003), podemos identificar aspectos de dois desses modelos interagindo no processo de concepção e montagem da mesma - o modelo construtivista e o modelo CTS. Desses modelos, depreendem-se algumas tendências pedagógicas que se relacionam com a conceptualização expográfica, tais como as que priorizam e privilegiam: (1) *conteúdos com o objetivo de confrontá-los com as realidades sociais* - presentes na perspectiva de analisar historicamente a construção do conceito de raça pelas ciências naturais e as implicações sociais dessa categorização científica de grupos humanos; (2) *aprendizagem em ciências mediada por um processo de aprendizagem coletivo* - fomentada tanto pelo cenário expositivo em si através da mediação com as visitas, como pela característica da exposição ter sido projetada e montada a partir de ação colaborativa com discentes em processo de formação docente; assim

como (3) *abordagens em que o conhecimento é considerado como construção contínua e passível de rupturas e descontinuidades e a ciência como resultante do contexto econômico, político, social e de movimentos intrínsecos, enfatizando sua função como instituição* – abordagens que compõem os objetivos da expografia em compreender a responsabilidade histórica da ciência na legitimação do racismo, por meio de uma reconstrução de episódios da história do racismo científico e da sua influência na sociedade brasileira.

Essa relação entre a concepção pedagógica da exposição com aspectos dos modelos de educação escolar em ciências, revisado e proposto por Fahl (2003), além de ser constatada, como vimos, pelos objetivos da exposição, é ratificada por estudos de recepção da exposição (DIAS et al., 2014; SEPULVEDA et al., 2015). Nesses estudos, constatou-se, na opinião de professoras, que a exposição colabora com o questionamento sobre a veracidade absoluta dos fatos científicos, sobre a neutralidade dos cientistas e alerta para a interferência do contexto social na produção do conhecimento científico, gerando possibilidades de discutir para que serve a ciência, em que contexto ela é produzida e o que de fato ela produz. Outros dados reiteram esse resultado, como a diminuição, pós-visita, da frequência de estudantes que concordavam com a afirmação de que o *racismo é um fenômeno social, não possuindo relação com a produção científica ou com a postura neutra e responsável dos cientistas*, e o aumento da frequência daqueles que concordavam com a afirmação de que *a ciência pode contribuir com o racismo, pois sua prática é influenciada por fatores históricos e sociais* (DIAS et al., 2014; SEPULVEDA et al., 2015). Dessa forma, esses estudos indicam que a exposição tem potencial em promover uma visão crítica das relações CTS, reforçando a coerência entre concepções que fundamentam a ação pedagógica e o resultado dessas na visão de quem vivenciou/visitou a expografia.

Podemos verificar também a partir desses estudos (*idem*), que ao longo da itinerância outros objetivos e temáticas se agregaram/agregam à expografia, denotando o caráter dinâmico do acervo expositivo. Como já dito, desde a quinta edição alguns recursos expográficos foram criados e editados na tentativa de promover o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, comprometido com a reeducação de relações étnico-raciais, ações pretendidas pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08.

É possível verificar através dos documentos utilizados nas reuniões de curadoria e montagem, que um objetivo explícito nessa perspectiva esteve presente a partir da exposição do Colégio Modelo (5ª edição), no entanto, essa orientação também esteve expressa na quarta edição da UFBA. Segundo o *banner* de apresentação dessa edição, a exposição “pretende contribuir - fomentando a reflexão crítica - no combate contra os processos sociais de alterização que derivam na marginalização e exclusão social daqueles considerados como outros”.

Esse combate pretendido, é um dos princípios contidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (CNE/CP 03/2004), que visa estimular *Ações Educativas de Combate ao Racismo e a Discriminações*.

Vale destacar também, que embora explícito na quarta e quinta edições, esse objetivo orientou implicitamente a inserção de novos elementos com esse potencial desde a segunda edição, quando foram pensados e produzidos com financiamento novos recursos e discursos relacionados ao tema central da *7ª Primavera dos Museus: Museus, Memória e Cultura Afro-brasileira*.

Além do combate ao racismo, houve na quarta edição uma preocupação em promover reflexões sobre sexismo e equidade de gênero, por meio da inclusão de um conjunto cenográfico sobre Ciência, Alterização e Gênero, a partir do qual reconhecia-se que, além da raça, a ciência teve forte impacto histórico na forma como as supostas diferenças biológicas e

intelectuais entre homens e mulheres foram entendidas e justificadas, servindo em ocasiões para a legitimação do sexismo.

Um dos curadores, ao discorrer sobre estratégias comunicacionais, aponta que houve/há uma preocupação em otimizar a participação dos visitantes a partir da ação educativa e de algumas instalações, apresentando outro aspecto que caracteriza o sentido comunicacional da exposição:

[...] A exposição é muito mais do que um caráter informativo sobre as temáticas, ela é problematizadora das temáticas. Então a gente conseguiu colocar no acervo da exposição, objetos e espaços que faziam os conceitos operarem junto a essa dimensão do acervo e do público, o conceito de alteridade acontecia ali, o conceito de genoma, raça. Então seria muito simples, ao meu ver, e reducionista, se a gente fizesse uma exposição onde simplesmente se expusesse de forma a tornar o público passivo, como receptores de informação. E não foi isso que aconteceu. A gente conseguiu de forma muito produtiva, fazer os conceitos operarem dentro da exposição [...] (Curador da 1ª Edição).

Esse relato expõe um pouco da natureza da exposição com relação às intensões comunicacionais, apresentando uma ponderação que dialoga com a distinção que Rupp (2011) propõe entre os objetivos de informar e comunicar. Para esse autor, há uma diferença entre expor um objeto como um documento involuntário, que informa apenas para os iniciados, e expor um objeto estudado e interpretado, convertido em signo de comunicação e portador de uma ideia, tendo a intenção de comunicar a mensagem a qualquer observador.

Reforçando esse entendimento sobre signo de comunicação, Marandino (2001) nos traz o conceito de discurso expositivo, o qual é composto por uma série de elementos que dizem respeito não só aos objetos, mas a toda uma gama de signos e sinais que se expressam através dos objetos, dos textos, das vitrines, das imagens, dos modelos e réplicas, entre outros. A pesquisa da referida autora buscou compreender o processo de construção do discurso expositivo em exposições de museus de ciências que trabalham com temáticas ligadas a biologia, caracterizando os diferentes discursos e saberes que estão em jogo<sup>3</sup> nessa construção e identificando o que ocorre com o conhecimento científico ao ser expresso em exposições. Ao realizar essa análise, a autora acabou entendendo que o discurso expositivo se comporta de forma semelhante ao Discurso Pedagógico de Bernstein (1996), no campo da sociologia da educação, pois desloca os outros discursos a partir de seus princípios e objetivos, assumindo as características de discurso recontextualizador. Segundo a autora,

Por entendermos que as exposições de museus são unidades pedagógicas, acreditamos que os processos de constituição do discurso expositivo podem ser compreendidos a partir de analogias com a noção de discurso pedagógico em Bernstein. Do mesmo modo, pode ser um referencial teórico útil para o estudo dos mecanismos de recontextualização e produção de conhecimento, presente em exposições e demais atividades educativas desenvolvidas nos museus de ciências (MARANDINO, 2005, p.167).

Partindo dessa premissa, de que existem diferentes discursos que fazem parte e que são recontextualizados na constituição do discurso expositivo, considero necessário, a partir desse referencial, elaborar uma sistematização mínima do funcionamento desse discurso ao longo do processo de concepção, curadoria e montagem da intervenção expositiva.

<sup>3</sup> O processo de elaboração do discurso expositivo é caracterizado como uma espécie de 'jogo' no sentido lúdico do termo, mas também de diálogo, considerando as relações de poder presentes nas interações entre os diferentes discursos e saberes envolvidos (MARANDINO, 2005, p.16).

Fundamentando-se em suas considerações sobre a interação entre diferentes discursos e saberes envolvidos na elaboração do discurso expositivo apresentado em bioexposições de museus de ciências, Marandino (*idem*) identifica alguns discursos que participam da elaboração do discurso expositivo: (a) o discurso da ciência, no caso o discurso biológico, e das diferentes áreas que o compõe; (b) o discurso referente aos conhecimentos museológicos – considerando toda a cadeia que vai da aquisição até a conservação, documentação, salvaguarda e extroversão do acervo e as questões referentes aos objetos e a própria história dos museus de ciência; (c) o discurso educacional – que está relacionado à intencionalidade de levar o público a compreender as informações científicas oferecidas nas exposições, apercebendo-se dos aspectos de ensino-aprendizagem, do papel político-social e cultural da educação nas diferentes sociedades; (d) o discurso da comunicação, que pode abarcar tanto as diferentes teorias e modelos comunicacionais existentes, como os centrados na transmissão ou na recepção, ou se referir aos saberes técnicos das áreas da programação visual e *design*.

Analisando a dinâmica de curadoria, podemos encontrar múltiplos discursos interagindo na constituição do discurso expositivo, não havendo necessariamente uma fronteira que os distancie, por isso utilizo a compreensão de que existe assim um entrelaçamento de discursos e narrativas, recontextualizados e em permanente interação no processo de constituição do discurso expositivo.

Podemos descrever esse entrelaçamento de discursos a partir da identificação desses no processo de concepção expográfica. O discurso da ciência envolve estudos da história da ciência, mas especificamente, da história da alterização e do racismo científico, a partir da seleção de fontes e momentos/episódios históricos para as análises do tempo passado, e do tempo presente, com base na análise do contexto científico contemporâneo – com a seleção de fontes das áreas da nova genética (genômica) em estreita relação com os objetivos expográficos. O discurso referente aos conhecimentos museológicos está inserido em toda orientação metodológica inicial, já que as duas primeiras edições foram pensadas para espaços museais e com profissionais da área colaborando nesse sentido.

Questões como visita guiada, estudos de público e elaboração de recursos expositivos, emergiram dessa perspectiva. No entanto, há de considerar que esse discurso tenha tido menor participação na elaboração do discurso expositivo ao longo da itinerância, pois no grupo de curadoria houve participação de uma profissional/pesquisadora da área de museologia apenas na organização da primeira edição. É importante destacar que este discurso, ao ser recontextualizado, se entrelaça com os discursos educacionais e comunicacionais. Processo que analiso a seguir.

Como já destacado no texto, a exposição possui aspectos de dois modelos de educação escolar em ciências, o modelo construtivista e o modelo CTS, que sinalizam determinadas tendências pedagógicas que caracterizam, em parte, o discurso educacional. Outra tendência pedagógica da exposição, como vimos, é a promoção do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, comprometida com a educação de relações étnico-raciais. Por ser uma intervenção didática que percorre espaços formais e não-formais de educação científica, a expografia também dialoga com tais saberes e outros derivados, como o discurso da divulgação científica. Em linhas gerais, o discurso educacional recontextualizado na exposição é também produto de entrelaçamentos, visto que realoca vários outros discursos e saberes.

Essas são as questões centrais do(s) discurso(s) educacional(ais), que em certa medida dialogam também com o discurso da comunicação, orientando a organização das práticas de monitoria ao longo das edições, a elaboração de roteiros, *design* da exposição e a própria curadoria em sua abrangência.

Sobre o discurso comunicacional, um dos curadores realiza as seguintes considerações acerca dos tipos de linguagens empregadas na exposição:

[...] foram incontáveis as linguagens que a gente utilizou: sonoras, imagéticas, táteis. Porque tinham artefatos que eram interativos, artefatos de leitura de texto, leitura de imagem, assistência de vídeo, então tinham todas essas possibilidades, tinha até um jogo de espelhos, que é um artefato, um acervo, móvel, porque cada pessoa que se projetava de frente ao espelho se tornava parte da exposição [...] (Curador da 1ª Edição).

O curador destaca a diversidade de linguagens utilizadas na exposição, exemplificando a singularidade de uma das instalações da exposição - a instalação *Nós e os Outros* - onde o visitante percorre um pequeno corredor cujas paredes são preenchidas por imagens que apresentam modos de representações de "outros" criados por naturalistas, cartunistas e cronistas de época ou artistas plásticos, entremeadas por espelhos. A intenção dos(as) curadores(as) era gerar no visitante uma reflexão sobre as noções de alteridade e alterização, por meio da contemplação tanto das imagens criadas de "outros" quanto de si mesmo nos espelhos. Segundo relato da professora coordenadora, esse era um dos exemplos do empenho da curadoria em não apenas informar, mas comunicar a mensagem, neste caso, esperava-se não apresentar o conceito de alterização de modo informativo, mas fazer com que os visitantes vivenciassem a experiência de alterização. A expectativa era de que ao se olharem no espelho se entendessem ou como "outros", ou como "nós", a partir, por exemplo, do que estava sendo considerado como "outros" nas charges e representações de povos e tipos humanos por naturalistas e cartunistas, nas gravuras expostas.

Um dos professores coordenadores destaca que na oitava edição da exposição foram trabalhadas linguagens performáticas, transitando na interface artes/humanidades/ciências. Nessa edição, além de visitas guiadas, ocorreram intervenções performáticas com o tema *Ciência, Racismo e Alteridade* e uma "Campanha de prevenção da caries cerebral, para a erradicação do racismo e outras doenças outrofóbicas no Brasil", utilizando o teatro do oprimido como via para transformação da realidade dos participantes na experiência, como atores ou como *espect-atores* (TORRES e SÁNCHEZ-ARTEAGA, 2016).

Essa consideração a respeito da linguagem de natureza performática e teatral em uma das edições da exposição nos permite afirmar que outros múltiplos discursos e saberes interagem e são recontextualizados no processo de curadoria das edições da exposição. Como reitera Marandino,

[...] pode também participar da construção do discurso expositivo a própria história da ciência, enquanto um discurso específico, através das diferentes correntes historiográficas existentes. Destarte, discursos e saberes de outros campos, áreas, ou de determinadas técnicas, podem também participar no jogo de constituição do discurso expresso nas exposições (MARANDINO, 2001, p. 350).

Podemos considerar ainda nesse chamado jogo o viés do discurso literário, uma das temáticas centrais da expografia, apresentada a partir de uma amostra de como a questão racial no Brasil tem sido tratada na literatura, trazendo narrativas de romances de estilo naturalista que refletem o cientificismo do século XIX, além de obras que instauram o paradigma cultural em questionamento ao determinismo racial do final do século XIX e início do século XX.

Sobre a constituição do discurso expositivo, vale a pena ainda resgatar alguns elementos que caracterizam o campo recontextualizador desse discurso, como os atores e instituições envolvidos. Analisando esse campo a partir do entendimento que Marandino (2001) nos apresenta sobre o conceito de recontextualização de Bernstein (1996), identificamos as seguintes instâncias que compuseram o campo recontextualizador: (a) instituições – universidades (UFBA e UEFS), através das pró-reitorias (de ensino e pós-graduação, de extensão), Departamento de Educação da UEFS, Institutos (de Biologia e de Humanidades,

Artes e Ciências) da UFBA, núcleos e grupos de pesquisa - GCPEC (UEFS) e LEHFBio (UFBA), museus (MAC e MZFUFEFS), unidades de ensino da educação básica - Colégio Estadual José Ferreira Pinto, Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães e o Instituto de Educação Gastão Guimarães; (b) atores – pesquisadores em ensino de ciências, educação e história das ciências, professores(as) do ensino superior e do ensino básico, licenciandos(as) em Ciências Biológicas, pós-graduandos(as) em Ensino, Filosofia e História das Ciências, estagiários(as) do PIBID, museólogas e historiadoras.

## RECURSOS EXPOGRÁFICOS E UNIDADES TEMÁTICAS

Os temas que foram comuns em todas as edições podem ser sintetizados da seguinte forma: (I) histórico do conceito de raça: ciência e alterização, (II) racismo científico no Brasil, (III) identidade nacional e relações étnico-racial na literatura, e (IV) discurso da genética contemporânea sobre raça e implicações sociais.

Em análise minuciosa sobre novos temas e os elementos expositivos, reformulados ou acrescidos durante a itinerância, acabei identificando oito unidades temáticas estruturantes do discurso expositivo que se expressam na conceptualização e cenarização expográficas, são elas: (I) noção de alterização e identidade, (II) desenvolvimento histórico do conceito de raça, (III) extinção racial - zoológicos humanos, (IV) teorias racialistas e identidade nacional, (V) a questão racial na literatura nacional, (VI) “nova genética” e o estatuto científico do conceito de raça, (VII) biomédicas e racismo científico contemporâneo, e (VIII) contribuição científica da população africana e afro-brasileira.

Cada unidade expositiva, a partir do enfoque temático, articula recursos expográficos correlacionados que dinamizam uma cenarização específica. Segundo Cury (2005), essa articulação estrutura a narrativa da exposição formando uma lógica textual. Marandino (2001), considera que os elementos relativos ao espaço físico das exposições formam, no seu conjunto, o sistema de signos que compõem o cenário das exposições. Como forma de representar este cenário e narrativa da exposição, descrevo sumariamente cada unidade no sentido de delimitar o acervo ao longo das edições<sup>4</sup>.

### Noção de alterização e identidade

Compreende a instalação *Nós e os Outros* com imagens A4 que apresentam modos de representações de “outros” criados por naturalistas, cartunistas e cronistas de época ou artistas plásticos, entremeadas por espelhos. Outra instalação inserida nessa unidade diz respeito ao *Jogo da identidade*, dois conjuntos de cartazes A4 com fotos de personalidades e suas respectivas falas sobre identidade étnico-racial. Essa instalação tem o caráter interativo e o desenvolvimento do jogo consiste em o visitante tentar correlacionar falas e personalidades com mediação da monitoria e deslocamento de cartazes e narrativas.

### Desenvolvimento histórico do conceito de raça

Reúne imagens A4, dispostas em um painel, que abordam o desenvolvimento histórico do conceito de raça (como mito cristão, como constructo das ciências naturais e como construção social e afirmação de identidade). O recorte dado à construção pelas ciências naturais se estende desde o empenho de naturalistas do século XVII em classificar a diversidade de seres humanos passando pelas pesquisas em craniometria, o darwinismo social do século XIX, a eugenia e sua repercussão social, até o conceito de raça elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU).

<sup>4</sup> Como forma de acesso às imagens e recursos de cada unidade temática, sugiro visita ao *website* que abrange parte do acervo virtual da exposição e foi utilizado como plataforma de avaliação que subsidiou a pesquisa do trabalho dissertativo do autor. Disponível em: <<https://expocri.wixsite.com/acervo/unidades-expositivas>>.

### **Extinção racial - zoológicos humanos**

Essa unidade é composta por instalações que representam fragmentos de exposições antropológicas, os chamados zoológicos humanos, frequentes na Europa do fim do século XIX e começo do XX. Inclui elementos sobre a Primeira Exposição Antropológica Brasileira, com discursos do organizador da exposição e antropólogo João Batista Lacerda sobre previsões para extinção do negro no Brasil. Tem destaque para elementos específicos sobre a história de Sarah Baartman, a vênus negra, dos Indígenas Botocudos e do pigmeu Ota Benga. Inclui artefatos em madeira, manequim, *banner* e cartazes A4. Em algumas edições, ao lado dessas instalações, eram expostos cartazes com notícias de ações contemporâneas de injúria racial, racismo, discriminação e violência contra grupos étnicos.

### **Teorias racialistas e identidade nacional**

Nessa unidade são expostos fragmentos da interpretação das teorias raciais europeias por intelectuais brasileiros entre fins do século XIX e princípios do século XX, a partir, sobretudo, dos debates sobre branqueamento, miscigenação e degeneração racial na sociedade brasileira, dando destaque às teorias produzidas e reproduzidas nas faculdades de medicina, em especial, na Faculdade de Medicina da Bahia. Dois grandes *banners* demarcam as fronteiras de espaço e discurso entre a Faculdade de Medicina - ambiente que foi produzido grande parte das teorias que defendiam a degenerescência da raça mestiça, negra e indígena, e do Terreiro de Jesus - tido como espaço de ideias que se contrapunham à perspectiva racialista de análise da realidade brasileira daquela época. Nina Rodrigues, Manuel Querino, Juliano Moreira e Manuel Bomfim são alguns médicos e intelectuais os quais possuem discursos representados nessa unidade através de *banners* e cartazes. Também são expostos alguns objetos e técnicas alusivas à craniometria, como crânios e instrumentos de medidas, em uma instalação que simula o gabinete de Nina Rodrigues.

### **A questão racial na literatura nacional**

A unidade traz uma breve amostra de como a questão racial no Brasil foi tratada na literatura, desde os romances de estilo naturalista que refletiam o cientificismo do século XIX, que tem como exemplo emblemático *O Mulato* de Aluísio de Azevedo, até o racismo na obra de Monteiro Lobato e sua relação com o movimento eugênico. Ainda são expressas amostras do conteúdo das seguintes obras: *Casa Grande Senzala* de Gilberto Freire, *Tenda dos Milagres* de Jorge Amado e *As Elites de Cor* de Thales de Azevedo. Além das ideias do poeta negro Cruz e Souza. Inclui uma instalação que simula o ambiente da obra *Tenda dos Milagres*, dispendo de mesa, cadeiras e fragmentos dessa e de outras obras para consulta local, além de um manequim representando Pedro Arcanjo, protagonista da referida obra.

### **“Nova genética” e o estatuto científico do conceito de raça**

Essa unidade aborda recortes de discursos contemporâneos que negam o status científico do conceito de raça, fundados nos estudos da designada “nova genética” ou genômica. Entre estes estudos, é dado destaque à pesquisa *Retrato Molecular do Brasil*, coordenada por Sérgio Pena e com autoria de pesquisadores(as) da Universidade Federal de Minas Gerais que, se utilizando de ferramentas da genética molecular, busca reconstruir as origens genéticas do povo brasileiro. Problematiza-se como a prática e o discurso da nova genética, para além do âmbito da produção de conhecimento acadêmico no campo das Ciências Biológicas, tem se inserido na arena de debates sobre raça e identidade nacional, e sobre políticas de ações afirmativas, na qual estão presentes elementos históricos, sociais e políticos. Ainda faz parte dessa unidade, um vídeo produzido com fragmentos desses debates e contendo recortes de entrevistas sobre percepção de raça com feirantes e comerciantes de Feira de Santana-BA.

### **Biomédicas e racismo científico contemporânea**

São exibidos exemplos de discursos e práticas de racismo científico nas ciências biomédicas, dando enfoque ao uso do conceito biológico de raça como se este fosse uma realidade, tanto na produção de medicamentos quanto na diagnose e tratamento de doenças. Abordam-se ainda estudos contemporâneos, especialmente nas neurociências e psicologia, que correlacionam raça, características físicas, como medidas craniométricas, diferenças no comportamento, na moralidade ou na inteligência. Por fim, são tematizadas as relações entre raça, gênero e ética nas biomédicas no caso de Henrietta Lacks, mulher negra que na década de 1920, nos EUA, ao ser diagnosticada com câncer cervical, teve suas células de colo de útero retiradas e cultivadas em laboratório para estudos, sem seu consentimento, e morreu sem saber que suas células mudariam a história da medicina. Inclui *banners*, artefatos em madeira, modelos de hemácias e do medicamento *Bidil*.

### **Contribuição científica da população africana e afro-brasileira**

Nessa unidade são expostos, através de cartazes A4, resumos biográficos e contribuições científicas de intelectuais negros. Conta ainda com um artefato em madeira do professor Milton Santos, grande intelectual negro brasileiro, além de cartazes A4 sobre a contribuição africana na introdução de espécies botânicas de importância alimentar nas Américas. Complementando esses elementos, foi elaborado um vídeo na segunda edição sobre o Legado Científico, Tecnológico e Cultural Afro-brasileiro, contendo discursos sobre a história de produção do conhecimento no continente africano no passado e sobre representantes contemporâneos desse legado no Brasil.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao sistematizar os fundamentos conceituais e práticos envolvidos na organização da exposição, percebemos que, ao longo da itinerância, outros objetivos e temáticas se agregam à expografia, denotando um caráter dinâmico do acervo expositivo conforme demandas de cada contexto e realidade educacional. Foi possível também mapear os caminhos pelos quais a intenção de promover educação das relações étnico-raciais entre os(as) visitantes foi sendo amadurecida e materializada na cenarização. A despeito das mudanças no discurso expositivo ao longo de cada edição, foi possível identificar unidades temáticas que o estruturam.

Ao estudar e relatar a materialização da exposição em si, e as etapas envolvidas no processo de sua concepção e montagem, do ponto de vista de quem participou como coautor da primeira edição e como colaborador de algumas outras, consigo situar sua concepção em um determinado contexto e orientação educacional, a partir de experiências pedagógicas antecedentes envolvendo diferentes instituições, e baseada em uma agenda de pesquisa compartilhada por grupos, laboratório e programas de pós-graduação. Além disso, trata-se de uma intervenção educacional com múltiplas possibilidades de recontextualização.

Diferente da conjuntura dos museus, que normalmente possuem acervos fixos, curadores específicos e maior permanência temporal no espaço, o fato da exposição ser itinerante, contextual e envolver um processo de curadoria autoral-coletiva articulado com princípios relacionados ao processo de tomada de decisão em equipe e cooperativa, confere a ela possibilidades de maior interlocução de atores e instituições, complexificando o campo recontextualizador do discurso expositivo - que carece de ser estudado e melhor compreendido na dinâmica da exposição.

Avaliando a inclusão das diferentes linguagens no processo expográfico e da sua orientação em estimular participação e interação do público visitante com os recursos expositivos e com vistas ao desenvolvimento de certas aprendizagens, percebemos proximidades com o que Cury (2005) chama do caráter pentadimensional de algumas

exposições: a tridimensionalidade do espaço físico e dos objetos, a interatividade e a possibilidade que o visitante tem de redefinir a exibição.

A expografia com seu caráter itinerante e curadoria autoral-coletiva potencializa e populariza o acesso à educação científica, ao percorrer tanto espaços de educação formal como não-formal, contribuindo como importante mídia de divulgação científica, envolvendo temática de relevância social, assim como temas controversos que relacionam ciência, sociedade e processos de alterização como o racismo. A continuidade da itinerância já alcançou outros municípios, atores, escolas e horizontes curriculares, além disso, recebeu apoio e financiamento para virtualização do acervo e desenvolvimento de materiais curriculares para educação das relações étnico-raciais no Ensino de Ciências.

### Agradecimentos

Agradeço todas as pessoas envolvidas no processo de concepção, montagem, curadoria e avaliação da exposição *Ciência, Raça e Literatura*. Estendo os agradecimentos para Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), universidades e escolas envolvidas.

### REFERÊNCIAS

- ACERVO. **Exposição Ciência, Raça e Literatura**. Sexta edição, Salvador, 2014.
- BERNSTEIN, B. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Petrópolis: Vozes. 1996.
- BRUNO, M. C. O. Museologia e comunicação. *In: Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa: ULHT, 1996.
- CURY, M. X. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.
- CURY, M. X. Comunicação, público e recepção. Atenções e visões na amplitude e diversidade museológica. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 4, n. 7, p. 11-16, 2015.
- CURY; SHIBATA, L. Desenvolvimento conceitual da expografia: estudo de caso com adoção de pesquisa-ação participativa. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, João Pessoa-PB, 2015.
- DEAN, D. **Museum exhibition: theory and practice**. London: Routledge, 1994.
- DIAS, T. L. S. **Ciência, Raça e Literatura: as contribuições de uma exposição itinerante para educação das relações étnico-raciais**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- FADIGAS, M. D. **Racismo Científico como plataforma para compreensão crítica das relações CTS: o estudo de desenvolvimento de uma sequência didática**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- FAHL, D. D. **Marcas do ensino escolar de Ciências presentes em Museus e Centros de Ciências: um estudo da Estação Ciência - São Paulo e do Museu Dinâmico de Ciências de Campinas (MDCC)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- GROVE, N. J.; ZWI, A. B. Our health and theirs: Forced migration, othering, and public health. **Social science & medicine**, v. 62, n. 8, p. 1931-1942, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museu e Turismo: estratégias de cooperação**. Brasília, DF: IBRAM, 2014.

MARANDINO, M. 2001. **O Conhecimento Biológico nas Exposições de Museus de Ciências**: análise do processo de construção do discurso expositivo. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MARANDINO, M. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12 (suplemento), p. 161-81, 2005. MORAIS, A. M.; NEVES, I. P, A teoria de Basil Bernstein: alguns aspectos fundamentais. **Revista Práxis Educativa**, v. 2, n. 2, p. 115-130, 2007. RUPP, B. O curador como autor de exposições. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v.1, n.1, ano 1, p. 131-146, 2011.

SÁNCHEZ-ARTEAGA, J. M. S. **Las Teorías biológicas sobre el origen de las razas humanas (1859-1900)**: elementos para una crítica antropológica de la racionalidad tecnocientífica. Tese (Doctorado), Universidad Autónoma de Madrid, 2006.

SÁNCHEZ-ARTEAGA, J. M.; EL-HANI, C. N. Othering processes and STS curricula: From nineteenth century scientific discourse on interracial competition and racial extinction to othering in biomedical technosciences. **Science & Education**, v. 21, n. 5, p. 607-629, 2012.

SÁNCHEZ-ARTEAGA, J. M.; SEPULVEDA, C.; EL-HANI, C. N. Racismo científico, procesos de alterización y enseñanza de ciencias. **Magis. Revista Internacional de Investigación en Educación**, v. 6, n. 12, p. 55-67, 2013.

SANTOS, W. L. P. MORTIMER, E. F. Tomada de decisão para ação social responsável no ensino de ciências. **Ciência & Educação**, v. 7, n. 1, p. 95-111, 2001

SEPULVEDA, C.; SANCHEZ-ARTEAGA, J. M.; BARZANO, M. A. L. **Ciência, Raça e Literatura**. Projeto de Extensão. Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012.

SEPULVEDA et al. Contribuição da exposição itinerante *ciência, raça e literatura* na construção de visão crítica das relações CTS em uma comunidade escolar. **Anais do VI Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade**, Rio de Janeiro: ESOCITE.BR, 2015.

SEPULVEDA, C.; ALMEIDA, M. C. **Pesquisa Colaborativa e inovações educacionais em ensino de biologia**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

TORRES, C. SANCHEZ-ARTEAGA, J. História do racismo científico como foco para inovações educacionais interdisciplinares na interface artes-humanidades-ciências: Um relato de experiência. **Anais eletrônicos do 15º Seminário Nacional de História da Ciência e da tecnologia**, Florianópolis, 2016.

WEIS, L. Identity Formation and the Processes of "Othering": Unraveling Sexual Threads. **Educational Foundations**, v. 9, n. 1, p. 17-33, 1995.